



O DESPERTAR

Boletim Religioso
da

IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA

MENSAGEM EPISCOPAL

PRESENÇA E PODER

Rev.^m Bispo D. Luís Pereira

▲ Festa do Pentecostes, comemoração do derramamento do Espírito Santo sobre os discípulos de Cristo «baptizando-os num corpo», é o fecho lógico da primeira parte do Ano Litúrgico.

Aquelos actos poderosos de Deus, em Cristo, que desde o Advento comemoramos, são, ou acontecimentos já passados, ou eventos escatológicos que aguardamos. O Espírito Santo porém, torna-os em realidades presentes, já porque nos faz apreender o seu verdadeiro sentido, já porque nos torna participantes neles comunicando-nos os seus benefícios.

Cristo nasceu, morreu, ressuscitou, subiu ao Céu, e há-de voltar outra vez. Mas o Pentecostes foi naquele dia, foi ontem, é hoje e será amanhã. O Pentecostes é de todos os dias. Embora especialmente significado na Confirmação, realiza-se dalgum modo em todos os Sacramentos e até tem lugar muitas vezes independentemente deles.

Em cada Baptismo, como no dia de Pentecostes, é o Espírito Santo que regenerando, incorpora o neófito em Cristo; outorgado na Confirmação em toda a plenitude, completa o Baptismo e equipa com o poder necessário para cumprir a vocação baptismal. E' pelo Espírito Santo que na Eucaristia os elementos se tornam no Sacramento do Corpo e do Sangue do Senhor e podemos tomar parte tanto na Sua morte como na Sua ressurreição. E' pelo Espírito Santo que o penitente se reconcilia, que se conforta o enfermo ungido, que se confirma o matrimónio. E' ainda o Espírito Santo que desce sobre o ordinando e o marca de modo indelével para o Ministério a que o ordena o Bispo.

Mas o Pentecostes continua para além dos actos sacramentais. «Enchei-vos do Espírito Santo» — disse S. Paulo em mais de um lugar. Para que sejamos como tantos de que lemos na Bíblia, pessoas cheias do Espírito Santo, Deus já fez a Sua parte; **abrindo-nos** por uma entrega completa de todo o nosso ser ao nosso Pai celeste, faremos nós a nossa, da qual Deus não nos pode dispensar.

O Pentecostes é de sempre, porque é a **presença de Deus** no Seu Povo e no coração de cada filho Seu, pois «quem não

(Continua na pág. 9)

EDITORIAL

Não há dúvida alguma que o momento presente há-de ficar memorável na história da Igreja. Uma nova era se nos apresenta de extraordinárias perspectivas.

Todas as Igrejas que compõem o mundo cristão e que herdaram a tradição dos primeiros séculos em que a Igreja se chamou a si própria católica pela expressão universal da sua doutrina e que em seu consenso (primeiros concílios) nos deu a composição definitiva do Novo Testamento, os credos, e uma organização em coerência com os Evangelhos, baluarte contra a heresia sectária e dissidente, todas as Igrejas estão sentindo algo de transcendente e sobrenatural num desejo evidente de mais profundamente se integrarem na essência do cristianismo.

Um movimento convergente nos anima para uma unidade cuja expressão pode não ser aquela em que cada um pensa mas que será, pelo Espírito Santo, a mais conveniente ao estabelecimento do Reino de Deus, à Paz do Mundo.

Neste movimento todos nós contribuiremos com a nossa quota-parte e todos nós temos muito a receber. Não pensem os protestantes que só têm a dar. O mesmo os católicos romanos. O mesmo os ortodoxos.

A nossa posição deve ser de humildade, como a do publicano no templo. Deus nos livre de imitarmos a do fariseu.

Saibamos discernir o que possa travar, por inércia, o dinamismo da Igreja Lusitana, que já na sua concepção de início, foi de tantas situações que hoje vemos realizadas nas Igrejas irmãs.

Não podemos parar, num comodismo contemplativo.

E tanto, tanto está por fazer.

NOTAS E COMENTÁRIOS

Paulo Agostinho

Hora de Pentecostes!

Hora de Pentecostes! Hora de sentir a voz que sopra donde não se vê, mas que nos faz mover num sentido e direcção que, não sendo talvez aquele que pensávamos melhor, está bem mais em harmonia, com os nossos mais profundos sentimentos, mais em íntima ligação com a Paz que Cristo nos legou.

Neste tumultuar cruciante, nesta encruzilhada confusa, em que a Humanidade se debate, uma esperança anima as nossas almas. A Igreja, manifestando-se mais conscientemente segundo o Espírito de Deus e procurando satisfazer as aspirações dos homens, está unindo-os na luta contra as forças do mal.

É preciso ter fé no poder de Deus. O sinal é de reunir.

Quem tem ouvidos para ouvir, oiça!

Apele do Despertar

O Director do Despertar enviou o apele a todas as paróquias no sentido de que os membros da Igreja sintam o dever de não só assinar este boletim, como o de o distribuir pelos seus Amigos. E pensando bem, esta segunda parte, é a mais importante.

O Despertar é o porta-voz das nossas aspirações.

O Despertar é o mensageiro que nos ajuda a compreender a vocação da Igreja Lusitana.

A nossa liturgia, a nossa organização, a valorização da participação dos leigos, a importância dos sacramentos na santificação das almas, o ministério da Palavra, o estudo afinado das Sagradas Escrituras, o procurarmos estar dentro das tradições mais nobres do povo português, tudo isto constitui uma herança grande pela qual somos responsáveis. Se não estamos no centro teórico do problema, devemos por tudo o que vemos, estar muito próximo.

O cruzar dos braços seria uma traição para conosco próprios, para com a Igreja, para com o nosso país.

Que Deus nos ajude a compreender, a sentir bem o espírito da nossa vocação.

Sinal dos tempos...

Alguém estranhou que a respeito do Concílio, neste jornal inteiramente religioso, e nesta secção, tivéssemos citado um diário profano, o «Diário de Lisboa», e pior, o seu director, um distinto jornalista todavia, mas alheio, segundo se julga, às coisas religiosas.

Nada sabemos dos sentimentos religiosos do referido jornalista. O que temos a certeza é do seu sentido objectivo e oportuno, do seu carácter, da elevação do seu

espírito, da sua personalidade bem marcante. Conhecemo-lo e admiramo-lo há muito.

«Sinal dos tempos» é o título da nota do «Diário de Lisboa» de 21 de Abril de 1965, a respeito da visita dum chefe socialista italiano a Paulo VI, visita cheia de cordialidade e de bons desejos mútuos de compreensão e real entendimento.

Transcrevemos com a devida vénia este pedacinho da sua nota que não pôde deixar de merecer a nossa atenção e o nosso apoio:

«O Vaticano pretende, deste modo, acertar o seu próprio relógio pela hora moderna e contribuir para que um velho e respeitado chefe socialista adquira uma compreensão mais actual e mais tolerante para com os problemas da Igreja, acertando o seu relógio pela hora da Santa Sé. O Mundo transformou-se. Ninguém ignora que estão a produzir-se acontecimentos decisivos, dos quais depende o futuro da Humanidade. Novas ideias inspiram as relações entre os homens. Novas estruturas substituem velhas e anacrónicas instituições que já não têm razão de ser. O episódio do Vaticano, como escreveu um jornal italiano, constitui um sinal dos tempos, não um sinal de confusão mas de coexistência civil que encerra o espírito de intolerância, de fanatismo e que permite o diálogo acima de divergências de pensamento de ordem religiosa e filosófica. Há que ter em conta, portanto, as realidades. É preciso adiantar a tempo o relógio, quando se reconheça que está atrasado. É o Papa que dá o exemplo e o socialista Pietro Nenni que se dispõe a segui-lo».

Da Música Sacra

Temos algumas vezes tido a oportunidade de falar da influência da música, como factor ambiental no culto a Deus. A música é de facto uma força expressiva pela sua riqueza emotiva e inspiradora, pelo seu poder dinâmico, que o tem sem dúvida alguma.

Lutero revolucionou a arte musical religiosa, criando o coral, canto popular sacro de harmonia simples, sem partes melódicas movimentadas, de fácil execução, permitindo a todo o povo uma participação activa no culto.

Possuimos hoje uma riquíssima colecção de corais, muitos de autores portugueses. Neste intercâmbio que se desenha, em que procuramos receber dos outros o que nos falta (e nós, a Igreja Lusitana, tanto temos a aprender de todas as denominações eclesásticas), algo nos parece que poderemos neste capítulo ajudar os nossos irmãos católicos romanos, agora que estão empenhados em criar música que o povo todo possa cantar.

A constituição conciliar da Sagrada Liturgia no seu artigo n.º 118, do canto po-

pular religioso, diz: «Fomentem-se zelosamente o canto religioso popular de modo que as vozes dos fiéis possam ressoar nos exercícios de piedade e sagrados...».

Sentimos com alegria este particular sinal da sua reforma litúrgica. Que em breve possamos ouvir os nossos irmãos separados, enchendo os seus templos de harmonias de sabor popular sim, mas seriamente compostas, sadias e vibrantes de santo entusiasmo.

Há tanto que nos une...

Já durava uma hora a conversa com um distinto padre católico-romano sobre o futuro aspecto da Igreja «post concilium», e suas maiores possibilidades de encaminhar para Cristo, o nosso pobre povo, ávido de paz e de justiça, de amor e compreensão.

E falávamos das nossas aspirações comuns, da necessidade urgente de educar religiosamente o povo português, tornando-o mais consciente das suas responsabilidades diante de Deus e dos homens, quando arrisquei um lamento sobre tanto ainda que nos divide...

— Há tanto que nos une, que não nos chega o tempo para falarmos do que nos separa — foi a resposta rápida do meu interlocutor.

Fiquei a pensar nesta frase e no muito que significava. As divisões que separam desastrosamente a Igreja Cristã em todo o mundo, ela que se chamou a si própria católica, porque não distinguia raças nem distinções sociais, pois era a expressão universal dum Fé baseada no Amor, essas divisões estanques são nem mais nem menos que a consequência da nossa insuficiência espiritual. Não temos sentido a lei do Evangelho, não temos tido o espírito de oração, de humildade, de tolerância. Ninguém, nem mesmo o Concílio, fala já em uniformidade, mas sim na compreensão dos outros, no reconhecimento mútuo, no entendimento fraterno, no amor entre todos centrado no mesmo Cristo, obedecendo-Lhe.

E não é difícil! «Buscai primeiro que tudo o Reino de Deus e a Sua justiça, e tudo o mais vos será acrescentado».

O DESPERTAR

BOLETIM RELIGIOSO DESTINADO AOS
FIÉIS DA IGREJA LUSITANA

Director — L. DE FIGUEIREDO

Corpo Redactorial:

SAUL DE SOUSA — Redactor principal
JOÃO SOARES DE CARVALHO
DAVID RODRIGUES PEREIRA

Correspondentes:

Porto — A. FERREIRA ARBIOL
Rua do Cativo, 6 — Porto

Brasil — OCTACÍLIO M. DA COSTA
Edifício Pio XII, Apt. 207 — Petrópolis.
Rio de Janeiro

Redacção — Calçada das Lages, 6 — Lisboa

Administração — F. V. D' OLIVEIRA — Rua
do 1.º de Maio, 54, 2.º — V. N. de Gaia

Composição e impressão: Empresa Técnica de
Tipografia, Lda. — Vila Franca de Xira — Tel. 163

NOTA: Toda a permuta deve ser enviada
à Redacção.

Mensagem do Pré-Sínodo Luterano de França às suas Paróquias

Da mensagem do Pré-Sínodo Luterano de França às suas Paróquias recortamos o seguinte:

O povo de Deus que caminha com os homens, reconhece que na origem da sua vida e do seu serviço, há uma iniciativa de Deus. É Ele quem se revela no culto da comunidade e quem envia os Seus ao Mundo.

Por Sua presença no culto, Deus constitui a comunidade. A Sua chamada e a Sua escolha dirigem-se à comunidade no Seu conjunto.

As nossas paróquias correm o perigo de celebrar um culto onde cada membro vem alimentar a sua vida religiosa sem reconhecer que a sua personalidade está de hoje em diante empenhada numa comunidade. Um tal culto individualista tende a bastar-se a si mesmo e corre o risco de não conduzir a qualquer participação na missão da Igreja inteira.

A comunidade criada pela Palavra de Deus e pelos Sacramentos é uma comunidade sacerdotal; isto implica que ao entrarmos na Igreja, somos homens deste Mundo, e que o levamos connosco perante Deus, e que recebemos os dons de Deus não somente para nós próprios, mas também para os compartilharmos com o Mundo. No Altar, a comunidade oferece-se a si própria a Deus em sacrifício vivo e apresenta o Mundo a Deus na sua intercessão.

Se o Altar é o lugar do encontro, a porta é o lugar da dispersão desta comunidade que é enviada aos outros. Nesta dispersão, cada membro da comunidade tem uma responsabilidade pessoal. A porta da igreja é também um lugar de acolhimento. A comunidade espera sempre que um novo irmão transponha esta porta à procura do Deus vivo.

Quanto desejávamos que os fiéis da Igreja Lusitana reflectissem bem nestas palavras, e assim se compenstrassem melhor do papel que são chamados a desempenhar em cada culto e particularmente na celebração da Eucaristia.

É tempo de aprendermos que vamos ao culto não para receber mas para dar adoração a Deus e testemunho ao próximo. E tudo quanto Deus nos dá no culto, é para melhor podermos dar, dando-nos a nós próprios de modo mais perfeito.

Antologia Devocional

PENTECOSTES

Por que vos parece que apareceu o Espírito Santo hoje sobre os Apóstolos, não só em línguas, mas em línguas de fogo? Porque as línguas falam, o fogo alumia. Para converter almas não bastam só palavras, são necessárias palavras e luz. Se quando o pregador fala por fora, o Espírito Santo alumia por dentro; se quando as nossas vozes vão aos ouvidos, os raios da Sua luz entram no coração, logo se converte o mundo. Assim sucedeu em Jerusalém neste mesmo dia. Sai S. Pedro do cenáculo de Jerusalém, assistido desse fogo divino; e sendo o povo a que pregava, aquele mesmo povo obstinado e cego, que poucos dias antes tinha crucificado a Cristo, foram três mil os que naquela pregação O confessaram por verdadeiro Filho de Deus, e se converteram à Fé. Oh notável confusão vossa e minha! Um pescador com uma só pregação e com um só passo da Escritura no dia de hoje converte três mil infiéis; e eu no mesmo dia com cinco e com seis pregações, com tantas Escrituras, com tantos argumentos, com tantas razões, com tantas evidências, não posso persuadir um cristão! Mas a causa é, porque eu falo, e o Espírito Santo, por falta de disposição nossa, não alumia...

P. António Vieira

IMPLORAÇÃO A DEUS

Oh Tu, que tens no seio a Eternidade,
E em cujo resplendor o Sol se acende,
Grande, imutável Ser, de quem depende
A harmonia da etérea imensidade!

Amigo e benfeitor da humanidade,
Da mesma que Te nega e que Te ofende,
Manda ao meu coração, que à dor se rende,
Manda o esforço de eficaz piedade.

Opressa, consternada a Natureza
Em mim com vozes lânguidas Te implora,
Órgãos do sentimento e da tristeza.

A Tua inteligência nada ignora;
Sabes que da alta Fé minha alma acesa,
Té nas angústias o Teu braço adora.

Bocage

Dr. Keneth Tyson

O Despertar honra-se neste número, com a publicação, autorizada pelo autor, de trechos da magistral conferência feita pelo dr K. Tyson, num grupo ecuménico de Lisboa, que inclui Católicos Romanos, Anglicanos, Presbiterianos e fiéis da Igreja Lusitana.

Sacerdotes, Pastores e Leigos destas Confissões, reúnem-se mensalmente em casa particular para oração, estudo e convívio.

O rev. dr Keneth Tyson, que é actualmente Ministro da Igreja Presbiteriana Escocesa de Sto. André, Lisboa, estudou de 1925 a 1928 na Universidade de Glasgow,



Rev. Keneth Tyson, M. A., B. D.

onde conseguiu o grau de «Magister Artium». Coursou a seguir a Faculdade Teológica da Igreja Presbiteriana de Inglaterra, em Cambridge, onde obteve o grau de Bacharel em Teologia.

Foi ordenado Ministro da Igreja Presbiteriana em 1931, pastoreou as Igrejas Presbiterianas de S. Paulo, Reading, e de Sto. Estêvão, Leicester. Em 1939, ao começar a Segunda Grande Guerra, tornou-se capelão militar e serviu em França, Iraque, Sicília e Itália, até que findada a guerra em 1945, voltou para Leicester. Nomeado capelão da Igreja Escocesa de Lausana em 1948, transitou para Lisboa em 1959.

DESEJO chamar a vossa atenção para 3 coisas que ilustram o lugar que a Bíblia ocupa na Igreja Reformada.

a) Na ordenação de um Presbítero, o Moderador do Presbitério que o ordena, requer dele pública declaração da Fé da Igreja, e parte dessa declaração diz respeito à Bíblia. Como segue:

«A Igreja da Escócia reconhece a Palavra de Deus que se encontra nas Escrituras do Velho e Novo Testamentos como suprema regra de fé e vida».

O ordinando tem de subscrever esta declaração.

b) Em cada culto público, as Escrituras são lidas de forma a poderem ser ouvidas por todos. Geralmente há duas lições: a primeira, do Velho Testamento; e a segunda, do Novo Testamento, consistindo de Epístola e Evangelho, com bastante frequência. E na Igreja da Escócia é exigido que o leitor introduza essas lições com palavras tais como estas:

«Escutai a Palavra de Deus, conforme se encontra nas Escrituras (do V. ou do N. T.)». E mesmo quando tais palavras são omitidas, em todas as Igrejas Reformadas, a Bíblia é lida de modo a ser bem ouvida por todos — não por causa do seu estilo literário, nem simplesmente como leitura de edificação espiritual e devocional — mas porque é um livro ÀPARTE, com autoridade — porque dizemos ser um meio pelo qual a Palavra de Deus chega a nós. Esta é a razão e não qualquer outra.

c) No culto da Igreja Reformada, o Sermão tem lugar proeminente.

O objectivo do Sermão é expor a Palavra de Deus — a suprema regra de fé e prática — tal como se encontra nas Escrituras do Velho e do Novo Testamentos. E a «exposição» não consiste meramente em melhor recordar e explicar o passado (não carecemos ser peritos em história para nos tornarmos cristãos). O que importa é conhecer melhor o presente, e o proceder de Deus para conosco no dia de hoje — porque Deus é «Aquele com quem temos de tratar».

A Bíblia como o Livro da Igreja é a autoridade do Ministro na sua pregação — é o livro ao alcance de todas as pessoas e todos são encorajados a lê-lo e a estudá-lo por si próprios; mas é o livro da Igreja e é na comunhão da Igreja que ele é melhor compreendido. Razão por que é através da pregação que o pensamento da Igreja acerca da Bíblia é proclamado.

Por que é que a Bíblia tem um lugar tão dominante na vida e fé da Igreja Reformada?

A resposta a esta pergunta é simples de formular. Mas — pelo menos para mim — é difícil de expor.

A RESPOSTA é que a Bíblia tem lugar tão marcante na Igreja porque ela contém ou comunica a Palavra de Deus.

Não significa que na Igreja Reformada a Bíblia e a Palavra de Deus sejam a mesma coisa! Uma vaga e incorrecta maneira, embora muito comum, de nos referirmos às Escrituras como «a Palavra de Deus» pode algumas vezes dar esta impressão. Tem havido e ainda há muita gente (não somente na Igreja Reformada), que defende a teoria da inspiração verbal e até reclama autoridade divina para todos os pontos e vírgulas. Mas o que se pretende dizer é que as Escrituras do Velho e do Novo Testamentos possuem a autoridade divina e comunicam, transmitem, contêm a Palavra de Deus.

A Palavra de Deus NÃO são as PALAVRAS da Bíblia. As PALAVRAS da Bíblia são veículo, instrumento, da Palavra de Deus — meios da sua expressão. As palavras da Bíblia são PALAVRAS de

O Lugar da Bíblia

homeris. De facto, num sentido muito óbvio e real, a Bíblia é trabalho do homem. O seu estilo variado apresenta hesitações, embaraços, deficiências próprias dos homens: muitos escritores, num período superior a 1.000 anos, trabalharam na sua produção; patenteiam-se a capacidade das suas mentes, com as suas inevitáveis limitações; a sua ética contém ensinamento nem sempre os mais elevados — ela reflecte o nível de cultura em que viveram os vários escritores; não é sempre exacta nas suas afirmações — o seu texto sofreu sofrido na transmissão e na tradução, por que muitas palavras mudam de sentido no decorrer dos anos; nem sempre a sua leitura é edificante, e ali não se procur esconder a fragilidade e vulnerabilidade do homem em relação ao pecado; muitos dos seus escritos — o próprio idioma deles — e o seu pensamento religioso requerem comentários — e isso significa crítica apreciativa, se porventura os quisermos compreender — e isso em todas as gerações. Pelo exposto podemos dizer que num sentido muito real é um livro humano. Não obstante, e a despeito disto Ela não é um livro meramente humano — uma colecção de palavras dos homeris.

A suprema pergunta, porém, é esta: o que é a PALAVRA DE DEUS?

A Igreja crê que essa Palavra de Deus está contida nas Sagradas Escrituras e por elas nos é transmitida. Esta crença por si só indica que a Igreja reconhece que a Palavra de Deus não corresponde exactamente às Escrituras — que ela é anterior às Escrituras e independente das Escrituras — que estas são a sua ferramenta — e na verdade estas Escrituras são sua CRIAÇÃO, e que como tal têm impacto sobre a mente e o Espírito do homem — sua criação para o Seu próprio serviço e execução dos Seus propósitos. As Escrituras não são a coisa primordial. Por muito que elas sirvam a Fé, elas não a criam: apenas a registam.

A vida de Israel foi vivida e a fé de Israel no Deus vivo existiu ANTES de, tanto uma como outra, serem registadas no Velho Testamento. Do mesmo modo a Igreja, com sua Fé e Evangelho para proclamar, seus Sacramentos para celebrar, seus Apóstolos para testificar e governar, existiram antes que o Novo Testamento fosse escrito. A Escritura não é a coisa

registada nas Escrituras.

Em suma, podemos dizer que o V. e o N. T. são um registo dos actos da Palavra — da vida e fé geradas pela Palavra, **mas** em virtude do seu próprio conteúdo, podemos também dizer que o V. e o N. T. são muito mais do que isso! Eles levam a Palavra — são meios de que a Palavra se serve — são mesmo INSTRUMENTOS da Palavra no Mundo — um instrumento que está sendo USADO.

Poder-se-ia argumentar que as Escrituras são produto da Igreja e portanto subordinadas à Igreja em autoridade e derivando desta a sua autoridade. E certamente devemos dizer que, de algum modo, isso é verdade. Mas, por outro lado, as Escrituras são um agente criador de tão imensurável escopo e poder, elas próprias tão vitalmente mediadoras da COISA PRIMORDIAL, a Palavra de Deus, que em cada geração tem havido aqueles que se inclinam para cair na BIBLIOLATRIA — e cair nela de modo bastante desculpável.

Em virtude do seu próprio conteúdo, elas exercem autoridade sobre a Igreja, bem como nela.

.....

Além de tudo o mais, há o facto de que no N. T. temos a nossa única fonte de informação acerca da Vida e Ensino de Nosso Senhor e da Igreja Apostólica. Este é seguramente um facto que coloca as Escrituras à parte — que faz delas o único, Livro — não somente um REGISTO de Actos da Palavra já concluídos, mas elas próprias um RESULTADO da Palavra, instrumento e transmissor da mesma de tal forma que a Bíblia, tem autoridade sobre a Igreja em cada geração. A Igreja é a Serva da Palavra e o seu serviço é colocar-se sempre sob o seu julgamento, o qual nos confronta nas Escrituras.

Nosso Senhor chamou-se a si próprio Luz do Mundo e Luz da Vida. Eu penso que podemos, sem qualquer impropriedade, dar-Lhe o nome de Luz da Bíblia. Todas as Escrituras estão sujeitas a Ele, porque Ele é a Palavra feita Carne — todas as Escrituras devem ser lidas, julgadas, interpretadas na Sua luz, e se necessário for, postas de lado quando estiverem em oposição a Ele. É na Bíblia e através dela que mais nos aproximamos da Mente do Senhor, do seu explícito ensino. Ao lê-la, expomo-nos nós próprios ao Seu julgamento como em nenhuma outra parte. E é por esta razão que na Igreja Reformada Lhe é dado lugar ÚNICO e EXALTADO.

Keneth Tyson

Rev. João Soares de Carvalho

No dia 2 de Maio findo, Domingo do Bom Pastor, durante a celebração da Eucaristia, o rev.^m Bispo diocesano instituiu Deão da Catedral, o rev. João Soares de Carvalho, que já há anos ali exercia as funções de Ministro auxiliar.

O Evangelho e a carta de colação, foram lidos pelo rev. Saul de Sousa, Pároco de S. Mateus, V. Franca, e a chave da Catedral foi entregue pelo Representante Secular, dr Leopoldo de Figueiredo.

O novo Deão e o rev. Saul de Sousa, ao Ofertório, tomaram lugar junto do Bispo, por detrás do Altar e concelebraram com ele.

O Deão João Soares de Carva-



O acto da instalação

lho, nasceu na Nazaré, a 21 de Abril de 1927. Ainda muito jovem, teve uma experiência religiosa de conversão na Congregação protestante da sua terra natal, sendo nela recebido.

Algum tempo depois veio para Lisboa, onde ao mesmo tempo que trabalhava conseguiu fazer o curso dos liceus.

À semelhança de tantos outros, após reflectida evolução, ingressou na Igreja Lusitana na qual algum tempo depois foi aceite como candidato ao Sagrado Ministério.

Fez o seu curso teológico em Inglaterra, no Clifton College, Bristol e foi ordenado Diácono pelo

(Continua na pág. 9)

na Igreja Reformada

primordial. De um ponto de vista mais simples é a descrição da Vida e Fé de Israel e da Igreja. A coisa primordial e que produziu essa Vida e essa Fé foi a Palavra de Deus. Essa Fé e essa Vida FORAM E SÃO a resposta do homem à Palavra. A Palavra é pois a coisa primordial.

Mas como ousaremos falar DISSO? A energia e o amor criadores de Deus actuando? A sabedoria criadora que fez o homem com capacidade de OUVIR e VIVER pela Palavra de Deus? A vontade pessoal de Deus que faz impacto e faz exigências ao coração, à mente, e à consciência do homem, que ordena a elevação e a queda das civilizações e das nações? O Espírito da Verdade e Graça?

Nas Escrituras redigidas em último lugar, lê-se: «E a Palavra se fez carne e habitou entre nós». Até então Ele tinha estado entre os homens de outras maneiras, «mas quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o Seu Filho», e foi por Sua PALAVRA-FEITA-CARNE, e em resposta a esta Palavra que a Igreja veio a existir — a Igreja é filha da Palavra, e a sua vida vivida em resposta à Palavra, é

CRÍTICA DE REVISTAS E LIVROS TEOLÓGICOS

«CONCILIUM», Revista Internacional de Teologia, Mensal. Edição portuguesa: Livraria Morais Editora, Lisboa/Recife; N.º 1 Jan. 1965, 124 pág.; N.º 4 Abr. 1965, 160 pág.

«ORA ET LABORA», Revista Litúrgica Beneditina, Bimestral, Propr. e Edição do Mosteiro de Singeverge, Negrelos; Ano XII N.º 2, 1965, pág. 63/168.

«NOVELLAE OLIVARUM», Revista dos Alunos do Seminário de Cristo-Rei dos Olivais, Lisboa, 2.ª Série, Ano XIX, 1965, 1.º Trimestre, pág. 1/144; 2.º Trimestre, pág. 145/240.

A nossa atenção incide hoje sobre três revistas católicas romanas, de liturgia e teologia, que, nessas duas especialidades, formam, em linguagem geométrica, um conjunto de dois planos paralelos interceptados por um terceiro, que os comunica e de ambos participa.

Ao nosso plano alfa, teológico, corresponde a revista *Concilium*, que se propõe tratar — e está a cumprir magistralmente — nos dez números do corrente ano, em planificação teológica, os seguintes assuntos: Dogma, Liturgia, Pastoral, Ecumenismo, Moral, Problemas-Fronteira, História da Igreja, Direito Canónico, Espiritualidade, Sagrada Escritura.

Compulsámos com interesse e admiração os números 1 e 4, de Janeiro e Abril, sobre «Dogma» e «Ecumenismo», e a impressão com que ficámos foi de que os teólogos católicos romanos abandonaram decidida e confiadamente o vetusto castelo sombrio da defesa medieval contra heresias, reais e imaginárias, para numa atitude mais humana e simultaneamente mais divina — porque só o máximo de humanidade toca no mínimo de divindade — saírem para o mundo, revestidos, já não das pesadas armaduras da lógica escolástica como fim em si mesma, mas dum verdadeiro espírito de diaconia da Palavra de Deus, num novo sopro exegético a mostrar que «as portas do Inferno não prevalecerão contra a Igreja de Deus».

Do primeiro número de *Concilium* salientamos um artigo de grandes dimensões teológicas, da autoria de Yves Congar, o. p., «A Igreja como Povo de Deus», que no mesmo número, secção «Boletim», os professores R. Schnackenburg e Jacques Dupont, o. s. b., complementam com um comentário geral aos conceitos de «Povo de Deus», em relação à Igreja e à Escritura.

O último número que manuseámos, o quarto, discute sem reservas o problema ecuménico, nos seus múltiplos aspectos, não minimizando, como era hábito, os es-

forços e sucessos do Conselho Ecuménico das Igrejas em prol de uma unidade na diversidade — no pressuposto determinista de que o diverso é efeito da causa Universo — antes favorecendo teologicamente o movimento da unidade dos cristãos. «Decisiva é contudo na teologia — dizem os editores deste fascículo — e sobretudo na teologia ecuménica, a atitude fundamental: aquela que nos vem do Evangelho de Jesus Cristo, que nasce dum amor fé cheia de confiança, cresce num amor cheio de compreensão e vive da esperança contra toda a esperança».

Destacamos ainda neste número o artigo de Gregory Baum, «A Realidade Eclesial das outras Igrejas», em que o autor, sem desmentir a posição de supremacia da Igreja de Roma, faz afirmações, deste género: «A reconciliação dos homens numa única família em Deus é exactamente o fim da nossa redenção. A desunião das Igrejas é uma acusação contra nós. Manifesta o juízo de Deus sobre a nossa infidelidade pessoal e colectiva. Uma vez, porém, que o Deus de misericórdia permite que o mal tome assento no mundo apenas por causa de um bem maior, devemos procurar descobrir a sentido positivo do triste quadro das nossas divisões. Temos que aprender a ver estas Igrejas, e incluo aqui também a Igreja Católica Romana, como parte dum movimento produzido pelo Espírito, o qual, embora sob a ameaça da nossa infidelidade e falta de arrependimento, procura reconciliá-las numa única família visível aqui sobre a terra». G. Baum, que é professor de Teologia, já na sua tese de doutoramento, em 1956, escolhia para tema «Para que sejam um».

«A Igreja sob a Palavra de Deus», do professor Walter Kasper, é outra arrojada tese, que visa uma preparação psicológica do mundo católico romano. Mas os dois artigos, que respondem à mesma pergunta, «em que medida o Conselho Ecuménico das Igrejas promove a união dos cristãos?» — «uma resposta católica», de Jan C. Groot, e «uma resposta do Conselho Ecuménico», de Lukas Vischer (pastor da Igreja Reformada, na Suíça) — traçam vias de circulação futura, esboçam promessas de um entendimento sincero, baseado na outorgação universal da graça divina.

Há ainda dois interessantes pontos de vista, que muito poderão representar na futura consideração do problema, sobre o «casamento misto» — 1) visto pelo protestantismo e 2) visto pelo catolicismo.

O «boletim», que ocupa 35 páginas

da revista, dá-nos uma panorâmica teológica e literária, bem documentada, subordinada a dois temas momentosos: «o diálogo com a ortodoxia», de Hans-Joachim Schulz, e «o diálogo com a teologia protestante», de Walter Kasper. Ambos os autores, alemães e doutorados em Teologia. O segundo «diálogo» distribui-se por três capítulos, de que damos os títulos, para que o leitor ajuíze da extensão do campo observado: I — Problema do Ecumenismo; II — A nova imagem católica de Lutero; III — Escritura e Tradição.

Ora et Labora é uma revista litúrgica que se impõe pela força espiritual, quase impetuosa, que transparece das suas páginas. Os assuntos litúrgicos são tratados com uma mentalidade nova, mais evangélica, mais eficaz, mais social. A preocupação dominante de integrar de facto e de direito o povo na participação activa da Liturgia da Palavra é a alavanca de toda a casuística beneditina aqui revelada.

É eloquente e inteligível a palavra ardente do editorial, sobre a reforma litúrgica do Vaticano II, intitulado «Espírito da reforma», onde lemos frases deste jaez: «Importa é inculcar a necessidade de adorar o Pai em espírito e verdade (Jo. 4, 23-24). Fugir do sem-sentido, do porque sim, do factício, do inautêntico. Por isso se liberaliza o emprego das línguas vivas — saber o que se diz; por isso se procura racionalizar os gestos — saber o se faz; por isso se buscou simplificar os ritos — concentração interior; por isso houve o cuidado de actualizar a prece — atenção ao mundo de hoje».

Todos os assuntos versados neste número se subordinam ao tema geral «Doutrina e Acção».

A terceira revista de que nos ocupamos hoje é a já conhecida entre nós *Novellae Olivarum*, na qual já têm colaborado clérigos da Igreja Lusitana.

Esta segunda série da magnífica revista inicia-se brilhantemente com três bons artigos sobre a Constituição da Sagrada Liturgia, primeiro documento do Vaticano II, que «Novellae Olivarum» dá em texto bilingue no primeiro número, todo dedicado ao mesmo assunto. Destacamos do fascículo a extraordinariamente inspirada «Pastoral do Episcopado Francês sobre a Constituição», cuja leitura aconselhamos a clérigos e leigos da Igreja Lusitana, e a todos os que, por ventura, se interessam pela liturgia como linguagem viva e rica, que contém em si toda a força didáctica de que a Igreja necessita para apresentar o Criador às criaturas, para uma mais digna adoração.

O segundo número da revista dos alunos do Seminário dos Olivais volta ao

(Continua na pág. 9)

PENTECOSTES DE 1965

Mensagem do C. M. J.

«RECEBEREIS O PODER DO ESPÍRITO SANTO»

Os Apóstolos, reunidos no cenáculo, perguntaram a Jesus: «Senhor, restaurarás Tu neste tempo o reino a Israel?» Ele respondeu-lhes: «Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo Seu próprio poder. Mas recebereis a virtude do Espírito Santo que há-de vir sobre vós; e ser-Me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e, até aos confins da Terra».

Estes homens haviam aprendido a conhecer Jesus como Senhor. Criam na Sua ressurreição. Compreendiam que a Sua morte não era derrota mas vitória sobre tudo o que escravizava a Humanidade. Mas desejavam saber o que na prática isso significava para eles. Será que o Reino dos Céus é agora? Será que isto significa que estando nós do lado dos vencedores, vamos assistir à derrocada dos nossos inimigos?

Jesus declara-lhes peremptoriamente que Deus não lhes faz conhecer os tempos nem as estações do plano da restauração do Seu Reino. Nós nem sequer sabemos os limites da vida humana, para bem ou para mal. Todavia Deus vai fazer-lhes compreender algo mais importante: Ele parte para lhes enviar o Seu Espírito, que fará deles Suas testemunhas até aos confins da Terra. Quando este Espírito vier, eles mesmos tornarão evidente em todo o Mundo que Jesus reina e que o mal, desde já vencido, está em vias de ser aniquilado.

Esta promessa foi cumprida no Pentecostes. Pelo derramamento todo-poderoso do Espírito Divino, os discípulos até então temerosos, são transformados em testemunhas audazes do Reino de Cristo no Mundo inteiro. Eles partem de Jerusalém e vão até às extremidades da Terra, num grande movimento de resistência contra as forças estabelecidas do mal; quais tochas vivas, iluminando a noite, com a certeza do novo dia que desponta.

Hoje em dia, a Igreja está em risco de perder, em larga escala, o poder que ela possuía quando, aceite e honrada por todos, passou a fazer parte da ordem estabelecida. Muitíssimos cristãos hoje vivem separados uns dos outros e dispersos em pequenos grupos, minorias sem poder político. Assim eles encontram-se mais perto dos cristãos do I século do que dos cristãos do século XIX.

Mas Deus jamais cancelou a Sua promessa e não retirou o dom que conferiu no Pentecostes. Esse poder é sempre oferecido à Igreja que estiver na disposição de pagar o preço. E o preço é tornar-se inteiramente uma com o Senhor Jesus Cristo — participar da Sua humilhação, para também poder participar da Sua vitória. O poder é capacidade para crer e para ajudar outros a crer, capacidade para esperar sem desfalecimentos até ao fim, capacidade para amar ainda quando for custoso, capacidade de promover a paz e de lutar pela justiça e reconciliação entre os homens. É o poder do Reino vindouro que nos é dado agora. É o Senhor da glória por vir, oferecido a todos aqueles que o pedem.

Nós vos exortamos então a que neste tempo do Pentecostes vos junteis a nós, ao pedirmos ao Senhor que de novo dê à Sua Igreja a força do Seu Espírito, a fim de que ela seja Sua testemunha até aos confins da Terra.

Os presidentes do C. M. I.

Miguel, Arcebispo de Cantuária

Iacovos, Arcebispo da Igreja Ortodoxa na América

Sir Francis Ibiam

Princ. David Moses

Pr. Martinho Niemöller

J. H. Oldham

Charles Parlin

O Cálice Comum

Muito se tem dito em desabono do uso quase universal do cálice comum na Comunhão Anglicana e noutras Igrejas de igual fé e ordem, como a Igreja Lusitana; referimo-nos ao costume de ministrar a Sagrada Espécie de Vinho aos fiéis, dando a beber de um mesmo cálice, que é todavia limpo com o purificador, após cada pessoa ter comungado.

Por esse motivo julgamos de interesse transcrever o que a este respeito lemos em carta publicada na «Living Church» (revista da Igreja Anglicana na América do Norte) em 11 de Abril p. p.. Esta carta refere-se a relatório da «Memorial Dental Clinic» da Universidade de Chicago, intitulado «Sobrevivência das bactérias num cálice de prata destinado à Comunhão» e cita dele o seguinte:

«Provou-se que as bactérias espalhadas na superfície polida do cálice de prata morrem rapidamente. Mostraram as experiências que, mesmo nas condições mais favoráveis à transmissão de germens numa pessoa a outra pelo uso do mesmo cálice, apenas um milésimo por cento de germens era transmitido. Quando as condições se aproximaram das usuais, não se pôde verificar nenhuma transmissão... Conclui-se que, na prática, o uso do cálice de prata, comum, não é vector de doenças infecciosas a ter em consideração».

Ainda a este respeito é curioso observar que os clérigos da Igreja de Inglaterra, os quais, como os nossos também, são obrigados pela rubrica a consumir o que fica no Cálice depois da comunhão dos fiéis, são considerados pelas companhias de seguros inglesas como bons clientes, pela sua usual longevidade...

Dr Leopoldo de Figueiredo

O nosso Director seguiu no dia 4 de Maio para Londres, onde vai ficar algum tempo em tratamento. Acompanham-no as nossas orações e os mais cordiais votos de boas melhoras.

PELA IGREJA

(Continuação da pág. 10)

Santa Eucaristia e ministrou a Confirmação a 4 pessoas.

À noite, na Igreja Paroquial, o senhor Bispo administrou a Confirmação a 12 pessoas e pregou.

Retiro

Nas dependências da Igreja Paroquial realizou-se, no dia 15 e manhã do 16 de Abril (respectivamente Quinta-feira Santa e Sexta-feira de Paixão), um retiro para a juventude do Arciprestado do Norte que foi presidido pelo reverendíssimo Bispo.

Festa das Mães

Na sua data tradicional, segundo domingo de Maio, celebrou-se a Festa das Mães. Após o Ofício Matutino, houve uma sessão na sala da Escola em que usaram da palavra o Pároco, rev. A. Arbiol e a professora D. Francelina Araujo e algumas crianças disseram poesias. Pelos presentes distribuíram-se flores e a estampa do Dia das Mães.

Semana Santa

Os Ofícios Religiosos próprios desta semana foram muito abençoados, neles tomando parte muitas pessoas que todos os dias encheram o Templo.

A Liturgia tradicional de Sexta-feira Santa foi presidida pelo senhor Bispo. Colaboraram na leitura dialogada da Paixão, segundo São João, elementos da Juventude da Paróquia e alguns hinos foram cantados pela sr.^a D. Arminda Lopes, acompanhada ao órgão por D. Adelaide Arbiol.

Aniversário da Liga de Esforço Cristão

A Liga do Esforço Cristão de Gaia, fundada pelo saudoso rev. Diogo Cassels, comemorou no passado dia 8 de Maio o seu 62.º aniversário. O programa das celebrações incluiu uma palestra pelo dr José Manuel de Pina Cabral, uma representação por elementos da Liga e Culto de Acção de Graças no Templo Paroquial.

O esforço Cristão de Gaia está a desenvolver intensa actividade. Têm-se realizado reuniões de consagração, concursos bíblicos e estudos bíblicos, e organizou-se uma reunião social que obteve muito êxito.

União Feminina

Proseguem, como habitualmente, as actividades desta associação. Realizam-se uma vez por semana os estudos bíblicos, e no dia 1 de Maio efectuou-se o bazar anual.

Domingo de Páscoa

Com a Igreja completamente cheia, celebrou-se a Festa da Ressurreição de Nosso Senhor, tendo feito a sua primeira Comunhão as pessoas confirmadas no domingo anterior.

O Coro da Igreja, agora reorganizado, cantou sob a direcção de M. Filipe Mar-

tins, o «Aleluia» da cantata «Varão de Dores» da autoria do nosso Director.

Reverendo Arcipreste

No dia 28 de Março, 4.º Domingo da Quaresma, o dr Daniel de Pina Cabral esteve nesta Igreja Paroquial no prosseguimento das visitas às Paróquias do seu Arciprestado.

Paróquia do Salvador do Mundo

Vila Nova de Gaia

Confirmações

No Domingo de Ramos o reverendíssimo Bispo visitou esta Paróquia e ministrou a Confirmação a 11 pessoas.

Domingo de Páscoa

Com grande participação de fiéis celebrou-se a Ressurreição de Nosso Senhor. Tornando a liturgia Pascal mais completa, o Sacramento do Baptismo foi ministrado a uma jovem e os confirmados no domingo anterior tiveram a sua Comunhão Solene.

Festa das Mães

Realizou-se, como é uso, no 2.º domingo de Maio. Escutou-se uma prática proferida pelo Pároco, rev. Venâncio de Oliveira, entoaram-se hinos e recitaram-se poesias alusivas ao acto.

Aniversário da dedicação do Templo

No dia 12 de Maio passou o 64.º aniversário da dedicação do Templo Paroquial. Assinalando a data e, em Acção de Graças, celebrou-se a Santa Eucaristia às 8 horas da manhã.

Paróquia de Cristo Remidor

Alcácer do Sal

Esta Paróquia recebeu no dia 6 de Maio a visita do Senhor D. Luís que ministrou a Confirmação a três novos convertidos, recebendo em seguida na Comunhão da Igreja Lusitana, uma senhora já confirmada na Comunhão Romana.

Após estas cerimónias, a congregação precedida pelo clero, saiu processionalmente enquanto cantava um hino para o largo fronteiro ao templo, onde o rev.^m Bispo procedeu à dedicação e inauguração da cruz luminosa instalada no campanário da Igreja, generosa oferta do Senhor Arnaldo de Sousa Agostinho, leitor litúrgico da Igreja de S. Pedro, Lisboa.

Os cultos nesta Paróquia continuam muito animados e concorridos.

Paróquia do Bom Pastor

Candal, V. N. de Gaia

Os sermões de Semana Santa nesta Paróquia, de Segunda a Sexta-feira Santa

inclusive, foram pregados pelo senhor D. Luís, sendo ele também o celebrante na Eucaristia vespertina de Quinta-Feira Santa, em que se comemora a instituição do SS. Sacramento.

Paróquia de S. Pedro

Lisboa

Visitantes

Durante a Quaresma pregaram nos Ofícios matutinos o Cónego Eduardo Moreira e o rev. Saul de Sousa, Pároco da Igreja de São Mateus em Vila Franca de Xira.

Semana Santa

Nos serviços religiosos especiais da Semana Santa pregaram, além do Pároco, rev. Josué de Sousa Jr., os pregadores licenciados srs. Manuel Vasco e José Carlos Gonçalves.

No Domingo de Páscoa, bom número de fiéis participou na Sagrada Comunhão.

Dia das Mães

Foi celebrado na data tradicional, com boa assistência de membros da Igreja e de crianças da Escola Dominical.

Paróquia de São Mateus

Vila Franca de Xira

Semana Santa — Vigília Pascal

A partir da Quarta-Feira Santa inclusive, houve serviços especiais.

A assistência se bem que aumentando de dia para dia, atingiu o seu máximo no Sábado para a celebração da Vigília Pascal. Estas cerimónias foram presididas pelo senhor Bispo Diocesano, acolitado pelo Pároco, rev. Saul de Sousa.

O Pároco baptizou uma jovem, e a congregação renovou os seus votos baptismais. Em seguida foi ministrada a Confirmação a 13 pessoas, incluindo a que fora baptizada.

O senhor Bispo pregou e celebrou a Santa Eucaristia, havendo comungado muitos fiéis.

Festa das mães

Às 21.15 horas dos dias 9 e 13 de Maio, celebrou-se, respectivamente, na Igreja de S. Mateus e na Capela de S. Tomé, a Festa das Mães. Em S. Mateus, pregou o Pastor José Ilídio Freire; em S. Tomé, o senhor D. Luís. Tanto num como noutro lugar, esta festividade foi bastante concorrida.

Festa dos Trabalhadores

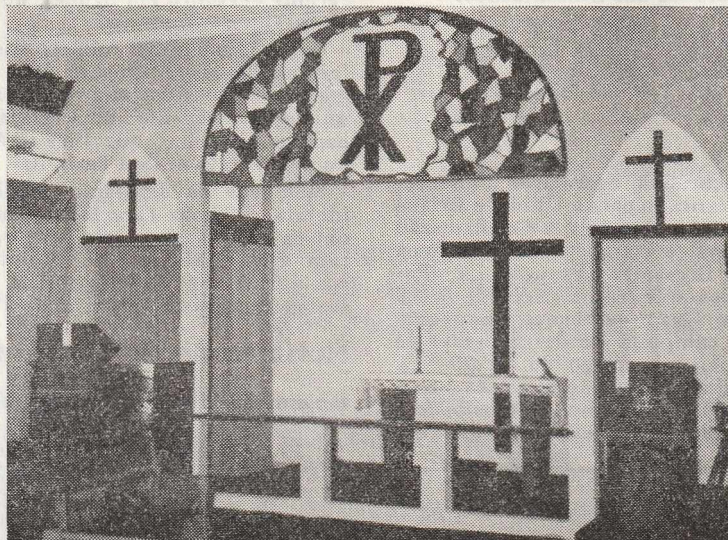
No dia 23 de Maio, Domingo de Rogações, celebrou-se a Festa dos Trabalhadores, tradicional nesta Paróquia, em que se dão graças pelos resultados dos diferentes misteres e se roga o auxílio de Deus para os que trabalham.

A Igreja estava ornamentada com ferreamentas profissionais de alguns dos membros da congregação. Pregou o sr. Manuel Alves, da Igreja Evangélica Presbiteriana Lisbonense.

Paróquia do Cristo-Rei — Luanda**Inauguração da Capela**

Conforme se noticiara, fora aprovada há meses em reunião da Comissão Permanente do Sínodo, a constituição duma Paróquia em Luanda, à qual foi dado o título de Cristo-Rei e confiada aos cuidados pastorais do rev. Luís Manuel Crespo.

No dia 9 do mês passado, inaugurou-se a Capela em que começaram a ter lugar os cultos públicos, e que está provisoriamente instalada numa casa da Rua de D. João II n.º 36, em Luanda.



Tanto na inauguração como na dedicação do Altar e dos diversos pertences do templo, oficiou, por delegação do Bispo diocesano, o Pároco da Congregação, composta pela nossa diáspora naquela cidade, bem como por outros cristãos que recentemente pediram admissão na Igreja Lusitana e que oportunamente serão confirmados.

Em seguida à inauguração de dedicação, seguiu-se a celebração da Sagrada Eucaris-

ristia. Em vez de sermão, os assistentes escutaram uma homilia do senhor D. Luís, especialmente gravada para esta ocasião.

Esta paróquia dá assistência religiosa a qualquer membro de outra Confissão cristã que não a possa receber em Luanda e respeitando inteiramente o desejo de não abandonar a confissão a que pertence.

Notícias recentes, informam-nos de que numerosa assistência tomou parte na comemoração da Ascensão do Senhor, contando-se entre ela o Consul Britânico em Luanda, que no fim teve palavras de gran-

de apreço para o rev. Crespo e o seu trabalho.

Casamento

Celebrou-se nesta cidade o casamento do sr. Alberto Pereira Correia com a senhora D. Lídia Fernando Peres Crespo, filha do rev. Luís M. Crespo, Ministro desta Paróquia. Oficiou, o rev. António Pinto Ribeiro Junior.

Crítica de Revistas e Livros Teológicos*(Continuação da pág. 6)*

assunto dominante nos nossos dias, a liturgia em português, que para nós, católicos lusitanos, não é novidade, mas para um católico romano é surpresa. A revista insere por isso interessantes respostas de gente do povo a um questionário sobre a missa em vernáculo. Também o nosso jornal «O Despertar» foi honrado com uma transcrição de um artigo sobre o assunto. É consolador sentir pulsar tão sinceramente o coração dos nossos irmãos separados em artigos como o do P. Roguet, «Liturgia e espiritualidade», e o profundo estudo de J. Vilaça sobre a eucaristia, observada num plano pragmático, histórico-ontológico, já refrescado pela aragem benéfica do Vaticano II, intitulado «A refeição do povo de Deus».

Pretendemos com estes comentários às

três revistas, que reunimos numa só crítica, apenas mostrar quanto apreciamos saber que os nossos irmãos da Igreja tradicional estão ávidos de uma reforma irênicamente trabalhada, e se encontram em plena e consciente laboração da mesma. As orações da Igreja Lusitana continuarão mais do que nunca a elevar-se em prol da causa magna da consciencialização de que o mundo se descristianiza e de que só a acção comum de todos os cristãos, unidos, poderá — através de uma Igreja que viva, não para si e como fim em si mesma, mas para Deus e para o mundo, e que, como escada de Jacob, toque nos Céus sem se deslizar da Terra — tornar-se efectiva.

J. Soares Carvalho**PRESENÇA E PODER***(Continuação da pág. 1)*

tem o Espírito de Cristo não é d'Ele». Essa Presença porém não será reconhecida se ela não se transformar em Poder. «Recebereis a virtude do Espírito Santo» — disse o Senhor ao anunciar o Pentecostes. Só homens e mulheres cheios do Espírito Santo, porque completamente submetidos a Ele, que poderão comunicar ao mundo essa Presença que muitos têm já talvez procurado no nosso meio, sem conseguirem infelizmente encontrá-la.

+ Luís, Bispo

Rev. João Soares de Carvalho

(Continuação da pág. 5)

Bispo de Minnesota, D. Estêvão Keeler e Presbítero pelo Bispo de Massachusetts, D. Norman Nash, em 3 de Novembro de 1957, portanto, antes da Sagração do nosso primeiro Bispo, senhor D. António Fiandor.

O rev. Carvalho, além de Deão da Catedral, é membro da Comissão Permanente do Sínodo desde 1960, e, com outros, representa actualmente a Igreja Lusitana na Comissão Intereclesiástica, preparatória do Conselho Nacional de Igrejas.

Fora da Igreja Lusitana, desenvolveu grande actividade na Juventude Evangélica Portuguesa, tanto como seu Presidente como dirigindo o Jornal «Portugal Novo».

Prémio**Luís Fernando Crespo**

Acerca do prémio instituído pelo rev. Luís Manuel Crespo, em comemoração do 1.º aniversário do falecimento de seu filho, o malogrado jovem Luís Fernando que Deus determinou chamar a Si, podemos acrescentar que a Comissão de Juri, devido a uma oferta que lhe foi feita, resolveu elevar a Esc. 500\$00 o referido prémio.

Os trabalhos dos concorrentes, nas condições já divulgadas no número anterior de «O Despertar», deverão ser, entregues até 15 de Agosto próximo.

Panorama Ecuménico

Brasil

Bispo Primaz

O Sínodo da Igreja Episcopal Brasileira, na sua última reunião, que teve lugar em Porto Alegre e com a presença do Bispo Presidente da Igreja nos E. U. A. rev.^{mo} D. João Hines, declarou oficialmente a Igreja Episcopal no Brasil, Província Autónoma da Comunhão Anglicana e elegeu Bispo Primaz o rev.^{mo} D. Egmont Krischke bispo da Diocese Sul-Oriental.

O senhor D. Egmont Krischke visitou já por duas vezes o nosso país, na última das quais para a Sagração do senhor D. Luís.

Culto ecuménico

O Estandarte Cristão, órgão da Igreja Episcopal no Brasil, em seu número 1494, de Março p. p., traz a interessante notícia de um Culto ecuménico realizado no templo da Paróquia da Ascensão, da referida Igreja.

Foi um Culto de Acção de Graças pelos formandos dos cursos Normal e Científico do Colégio Cruzeiro do Sul, de que é capelão o rev. Sebastião Teixeira, o qual, considerando que os formandos pertenciam a diversas igrejas cristãs, teve a feliz ideia de convidar clérigos de quase todas as denominações cristãs do local.

Entre a numerosa assistência que no dia 17 de Dezembro enchia o templo, encontravam-se, além de destacados membros do corpo docente do referido Colégio, clérigos, alguns dos quais participaram no Ofício. Entre eles o Padre Alexei Adolfin, pároco da Igreja Ortodoxa de Porto Alegre, Monsenhor Ivo Lorschneider, reitor do Seminário Católico-Romano de Viamão (envergando capa de asperges), o rev. Sebastião Teixeira, capelão do Colégio, e o rev. Arthur R. Kratz, pároco da Igreja Anglicana da Ascensão e mestre de cerimónias do Culto.

Este ofício (Matinas Solenes) foi presidido pelo Bispo da Diocese e Primaz da Igreja Brasileira, rev.^{mo} D. Egmont Machado Krischke; o Salmo próprio foi recitado por Mgr. Lorschneider (Católico-Romano), alternadamente com a congregação.

Este serviço religioso repercutiu favoravelmente pelo clima de intenso fervor e fraternidade cristã, do que deu larga reportagem com interessantes fotografias o «Correio do Povo», salientando o facto de que aquele inesquecível Ofício reunira, em adoração a Deus, clero e leigos de três dos maiores ramos do Cristianismo: Romano, Anglicano e Ortodoxo.

Grupo de trabalho, Conselho Mundial das Igrejas — Igreja Católica Romana

O Conselho Mundial das Igrejas comunicou recentemente em Genebra os nomes dos seus representantes no Grupo de Trabalho com a Igreja Católica Romana a que

nos referimos no último número. Simultaneamente o Vaticano deu a conhecer quais os representantes da Comunhão Romana no referido Grupo.

Os oito componentes não romanos incluem, três ortodoxos, um anglicano, (o Bispo de Bristol), um baptista, um luterano e dois presbiterianos, um deles o dr Visser't Hooft, Secretário do C. M. I.

Os seis representantes romanos são, entre outros, Mgr. Willebrands, Secretário do Secretariado do Vaticano para a Unidade, Mgr. Bayer, Secretário geral da «Caritas Internationalis» e o P. Hamer, O. P., assistente do Mestre Geral e Dirigente dos Estudos dos Dominicanos.

França

«Petite Église»

Mgr. Willebrands, Secretário do Secretariado do Vaticano para a Unidade Cristã, administrou recentemente a Confirmação a uma centena de membros da «Pequena Igreja» em Bressuire (França). A «Pequena Igreja» que conta cerca de 3.000 membros no Oeste da França e na região lionense, é composta de descendentes de católicos que, no começo do século XIX recusaram a concordata de Napoleão I com o Papa Pio VIII. O último dos seus padres morreu em 1847 e, desde então, a «Peque-

na Igreja» ficou sem clero. Apesar disso ela não se considera como menos autenticamente católica. Em 1964, o Cardeal Bea foi a Bressuire para conferenciar com a «Pequena Igreja» acerca da possibilidade da sua reintegração na Comunhão Romana.

Taizé «Aggiornamento de 1965»

O ano que decorre marca para a Comunidade de Taizé 25 anos de existência. Para a Comunidade de Taizé este 25.º ano da sua existência não é só ocasião de olhar para o passado, mas sobretudo um momento privilegiado para se interrogar, para «se pôr em dia». Todos os peregrinos de Taizé durante este ano serão chamados a viver com a Comunidade em *aggiornamento*.

A Capela da Unidade no Monte Ventoux

Sob a presidência do Mgr. Arcebispo Urtasun, de Avinhão, e do Pastor G. de Dalsen, presidente do Conselho Regional da XI Circunspeção, da Igreja Reformada de França, houve, no dia 23 de Maio, p. p., às 16 h., um Serviço Religioso da cerimónia do lançamento da primeira pedra da capela que ali se pretende realizar.

Os planos para a sua edificação foram apresentados por Charles André e George Blodowitch, de Avinhão. A construção

concebida será de harmonia com a traça arquitectónica dos edifícios da nova cidade do Monte Serein. No cimo deste monte erguer-se-á um único lugar de culto, o qual permitirá aos numerosos amadores dos desportos de Inverno (5.000 a 10.000 cada domingo) participarem nos cultos das suas respectivas Confissões.

Austrália

União de Igrejas na Austrália

Pela primeira vez, representantes oficiais da Igreja Anglicana na Austrália, apresentaram propostas específicas de União, no recente encontro em Sydney do Conselho de Igrejas da Austrália.

Como já em outro número dissemos, as Igrejas Metodista, Presbiteriana e Congregacionais da Austrália estão a planear unir-se brevemente numa Igreja com episcopado histórico, que lhes será transmitido pela Igreja do Sul da Índia.

Membros da delegação Anglicana, que incluía o Primaz (arcebispo Gough), dois outros arcebispos e seis bispos, anunciaram a sua intenção de promoverem na sua Igreja um movimento de união que se espera ver concretizado até 1975.

Notícias de Portugal

Movimento Promotor de Evanvelização

No final de Abril e princípios de Maio, este Movimento promoveu, respectivamente, no Porto e em Lisboa um «retiro» para ministros, pastores e colaboradores. As palestras estiveram a cargo dos rev.^{os} Forsyth e Ben Peack que, duma maneira geral, foram muito apreciadas.

Concerto de Música Sacra

Realizou-se em Lisboa, no mês de Abril na 3.ª Igreja Baptista, um concerto de música sacra pelo Grupo Coral Baptista da Carolina do Norte, em visita pela Europa.

É um grupo de cerca de 20 executantes apenas, mas todos eles integrados no conjunto, e técnicos de alta qualidade, seleccionados entre os membros da Convenção Baptista da Carolina do Norte, E. U. A.

O concerto foi caracterizado por uma execução impecável, dentro do melhor espírito da música sacra, dando-nos momentos de emoção e de beleza. Mas o mais alto ponto foi atingido quando a cantora negra Louise Johnson cantou os seus solos. Uma voz bem timbrada, simples suave e com sentida emoção religiosa, proporcionou-nos do melhor que temos ouvido no verdadeiro sentido religioso. Como gostaríamos de a ouvir outra vez!

Foi uma noite agradável, inesquecível.

Notícias Paroquiais

Paróquia de S. João Evangelista Vila Nova de Gaia

Confirmações

O senhor D. Luís visitou, na manhã de Domingo de Ramos, a Missão de São Tiago Apóstolo, em Valbom, onde celebrou a

(Continua na pág. 8)

PELA IGREJA